

**DO ENSINO REMOTO AO
ENSINO PRESENCIAL EM
CONTEXTO PANDÊMICO:
DESAFIOS NO ENSINO DE
GEOGRAFIA DE UMA
ESCOLA PÚBLICA EM TEFÉ
(AMAZONAS/BRASIL)**

*FROM REMOTE EDUCATION TO
PRESENTIAL EDUCATION IN A
PANDEMIC CONTEXT:
CHALLENGES IN GEOGRAPHY
TEACHING IN A PUBLIC SCHOOL
IN TEFÉ (AMAZONAS/BRAZIL)*

*DE L'ÉDUCATION À DISTANCE À
L'ÉDUCATION PRÉSENTIELLE EN
CONTEXTE DE PANDEMIÉ : LES
DÉFIS DE L'ENSEIGNEMENT DE
GÉOGRAPHIE DANS UNE ÉCOLE
PUBLIQUE À TEFÉ
(AMAZONES/BRÉSIL)*

Hanah Clara Farias Ribeiro

Graduada em Geografia e Especialista em Geografia Aplicada à Amazônia, ambas pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

E-mail: hanahcribeiro62@gmail.com

Hikaro Kayo de Brito Nunes

Doutor em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Professor Adjunto da Universidade do Estado do Amazonas (UEA).

E-mail: hikaobrito@gmail.com

Resumo:

O presente estudo tem como objetivo identificar as dificuldades encontradas pela professora e estudantes (3º ano do Ensino Médio) em relação ao processo de ensino e aprendizagem em Geografia após o retorno das aulas presenciais diante do contexto da Covid-19 em uma escola pública de Tefé – AM. Metodologicamente, foram realizados levantamentos e análises teóricas e documentais, realização de entrevista, aplicação de questionário, organização de roda de conversa e, por fim, tabulação de dados em gráficos e nuvens de palavras. Os resultados apontaram, comparativamente às duas turmas analisadas, situações semelhantes, principalmente na relação antes-durante-depois do ensino remoto, contribuindo para ampliação de aflições principalmente quanto associada ao vestibular, além dos prejuízos ocasionados durante o ensino remoto no campo do ensino de Geografia, com pouco rendimento, interação e ensino e aprendizagem, apontado tanto pelos estudantes quanto pela professora.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Pandemia, Ensino presencial.

Abstract:

The present study aims to understand the difficulties faced by teacher and students (3rd year of high school) in relation to the teaching and learning process in Geography after the return of face-to-face classes in the context of Covid-19 in a public school in Tefé - AM. Methodologically, theoretical and documental surveys and analysis were carried out, interviews were carried out, a questionnaire was applied, conversation circles were organized and, finally, data were tabulated in graphs and word clouds. The results showed similar situations in the two groups analyzed, especially in the before-during-after relationship of remote teaching, contributing to the expansion of afflictions mainly associated with the entrance exam, in addition to the damage caused during remote teaching in the field of teaching Geography, with little performance, interaction and teaching and learning, pointed out by both students and teacher.

Keywords: Geography teaching, Pandemic, Face-to-face teaching.

Résumé:

La présente étude vise à identifier les difficultés rencontrées par les enseignants et les élèves (3ème année de lycée) par rapport au processus d'enseignement et d'apprentissage en Géographie après le retour des cours en présentiel dans le contexte du Covid-19 dans une école publique de Tefé - AM. Sur le plan méthodologique, des enquêtes et analyses théoriques et documentaires, des entretiens, l'application d'un questionnaire, l'organisation d'un cercle de conversation et, enfin, la tabulation des données dans des graphiques et des nuages de mots ont été réalisés. Les résultats ont pointé, comparativement aux deux classes analysées, des situations similaires, principalement dans la relation avant-pendant-après l'enseignement à distance, contribuant à l'augmentation des afflictions principalement liées au concours d'entrée, en plus des dommages causés lors de l'enseignement à distance dans le domaine de l'enseignement de la géographie, avec peu de performance, d'interaction et d'enseignement et d'apprentissage, souligné à la fois par les étudiants et l'enseignant.

Mots-clés: Enseignement de la Géographie, Pandémie, Enseignement en présentiel.

Introdução

A pandemia da Covid-19, ocasionada por um vírus, numa cidade chinesa na virada do ano de 2019 para 2020, proporcionou uma problemática que atingiu não somente as questões de saúde, mas tomou proporções maiores no planeta, influenciando em diferentes contextos (Werneck; Carvalho, 2020; Gregory, 2020), como os políticos, sociais, econômicos, culturais. Além disso, listam-se os educacionais, bem como dos rotineiros episódios de negacionismo científico (Duarte; Benetti, 2022), que contribuíram ainda mais com os prejuízos, permitindo e acelerando a disseminação do vírus a partir da fluidez e vulnerabilidade do território enquanto marca da globalização.

Devido à paralisação das aulas presenciais, as escolas tiveram que fazer uso de outras estratégias didáticas para que o processo de ensino e aprendizagem tivesse o mínimo de prejuízo. Dessa forma, a utilização de ferramentas tecnológicas, trabalhadas sob a ótica do ensino remoto, foi mais presente no dia a dia dos professores e dos estudantes, evidenciando e descortinando as diferentes condições socioeconômicas e da própria familiaridade com tais recursos.

Foi notório que durante esse período de paralisação houve grandes dificuldades no ensinar (Souto; Moraes, 2021; Oliveira, 2021), sendo pauta para grandes debates, artigos e trabalhos publicados, o que evidenciou as complexidades principalmente da realidade tefeense (interior do Amazonas). Nesse caso, a falta e má qualidade de internet, somada à falta de capacitação de professores, à ausência de infraestrutura nas casas dos estudantes para o

acompanhamento das aulas remotas, à pobreza como condição escolar e aos fatores psicológicos de professores e estudantes (Bruce; Rodrigues; Billacrês, 2021) possibilitaram a ampliação da complexidade. Frente a esse contexto, a pandemia mostrou a fragilidade da educação em atender as necessidades reais dos estudantes.

Nesse cenário, o ensino de Geografia sofreu diversas modificações, haja vista que o conhecimento geográfico sempre foi de grande importância para a construção da realidade espacial e compreensão do cotidiano no qual o estudante está inserido. Contudo, mesmo antes da pandemia este vinha sendo deixado de lado levando em conta as reformas nos componentes curriculares (Rego; Costella, 2019; Bento; Almeida, 2022).

Questionamentos importantes podem ser feitos, sobretudo no “retorno às salas de aulas” na educação básica, momento em que professores e estudantes tiveram que se readaptar a uma realidade conhecida, mas alterada, aqui voltada a uma escola da rede pública estadual de Tefé – Amazonas. Destarte, este estudo é problematizado com os seguintes questionamentos: Como se deu o processo de ensino e aprendizagem em Geografia durante as aulas remotas? Quais os principais desafios durante o ensino remoto e nos meses iniciais do ensino presencial? De que forma professores e alunos lidaram com os desafios na aprendizagem dos conteúdos geográficos?

O objetivo deste estudo é identificar as dificuldades encontradas pela professora e estudantes (3º ano do Ensino Médio) em relação ao processo de ensino e aprendizagem em Geografia

após o retorno das aulas presenciais diante do contexto da Covid-19 em uma escola pública de Tefé – AM.

Este estudo se justifica pela possibilidade de preenchimento de uma lacuna existente sobre o retorno das aulas presenciais pós ensino remoto, além de associar com o vestibular, tendo em vista que os estudantes do 3º ano passaram por mudanças significativas e que podem comprometer o desempenho no vestibular, se o fizerem. Tal estudo fez-se necessário para compreender o reflexo do ensino remoto no processo de ensino e aprendizagem em Geografia, tendo em vista ter sido uma metodologia diferente da anteriormente adotada.

Com o retorno escolar, descrever as dificuldades encontradas tendo a visão tanto do professor, como do estudante e da própria escola é de suma importância, pois diversos trabalhos já foram apresentados referentes ao ensino em tempo de pandemia, mas, em relação a esse retorno, este trabalho é pioneiro em nível local e regional.

O presente texto é estruturado em subseções como forma de auxiliar na compreensão por parte dos leitores, sequencialmente em: Introdução (evidenciando as justificativas, inquietações, problemáticas e objetivo do estudo); Reflexões Teóricas (delineamento teórico-conceitual e aproximações com experiências já publicadas sobre outras realidades); Procedimentos Metodológicos (caracterizado pelos materiais e métodos adotados no estudo), Resultados e Discussão, e, por fim, as Considerações Finais.

Geografia, Ensino e Pandemia: Reflexões Teóricas

Ao pensar em Geografia é bastante perspicaz entender que há uma diferença entre a Ciência Geográfica propriamente dita e a Geografia como componente curricular. Barbosa (2016, p. 82-83) destaca que a Geografia é a Ciência “que estuda o espaço geográfico e as transformações que nele ocorrem resultantes das relações estabelecidas entre as pessoas, os distintos grupos sociais e a natureza”.

Por outro lado, em se tratando da Geografia como componente curricular, é necessário deixar claro que a mesma não seria apenas a reprodução do que a academia vem produzindo, ou seja, a Geografia como componente curricular vai além da compreensão do objeto de estudo e das categorias geográficas.

No ensino de Geografia, os objetos de conhecimento são os “saberes escolares referente ao espaço geográfico. São resultados da cultura geográfica elaborada cientificamente pela humanidade e considerada relevante para a formação do aluno” (Cavalcanti, 2012, p. 45). Dessa forma, a Geografia nas escolas possui o papel de desenvolver o senso crítico dos educandos para compreenderem a realidade do mundo no qual estão inseridos, sendo esses sujeitos de transformações na sociedade.

Barbosa (2016, p. 83), quanto ao ensino de Geografia, discute que feito matéria escolar, a Geografia contribui para o educando se inserir no mundo, além de “compreender a organização desse espaço e identificar os tipos de intervenção que a sociedade executa na natureza, com vistas a buscar explicações sobre a localização” e a inter-relação entre os fatos e fenômenos geográficos.

Logo, o ensino de Geografia deve ser pensado antes da pandemia, haja vista que o conhecimento geográfico é de grande relevância cotidiana para as pessoas, mas foi sendo deixado de lado, como foi possível observar nas reformas que o ensino de Geografia teve nos últimos anos (Straforini, 2018).

Dessa forma, a pandemia da Covid-19 colocou em evidência problemas no ensino escolar de Geografia que se estruturaram historicamente no Brasil e foram ignorados, tais como a distância do currículo escolar com a realidade do aluno e a não importância do conhecimento geográfico.

Além disso, não influenciava diretamente/imediatamente no seu processo de produção de conhecimento, pois a realidade do espaço geográfico no qual o aluno está inserido não é igual para todos, como afirma Santos (1978, p.122): “[...] o espaço é um verdadeiro campo de forças cuja formação é desigual. Eis a razão pela qual a evolução espacial não se apresenta de igual forma em todos os lugares”.

Concordamos, assim, com Bruce, Rodrigues e Billacrês (2021), que os impactos dessa pandemia no ensino público e privado foram de grande notoriedade, e os educadores tiveram que se adaptar a outras metodologias de ensino, pouco usadas durante o ensino regular. Foi evidente que os tempos de aula cronometrados, salas de aulas lotadas, espaços rígidos de aprendizagem, pouca infraestrutura, não pareciam dialogar com as demandas de uma sociedade guiada por recursos tecnológicos.

Para a realidade tefeense, os impactos advindos do contexto pandêmico foram notórios, materializados pela escassez de internet, falta de recursos tecnológicos individuais (tanto para o professor

como para o estudante), evasão escolar, despreparo de professores com o formato de ensino remoto, além dos problemas psicológicos e os ocasionados pelo vírus, dentre outras situações evidentes e perceptíveis durante o período de ensino remoto.

Tal realidade foi possível identificar durante o período em que a primeira autora deste artigo cursou Estágio Supervisionado I em uma escola municipal, onde os alunos moram em bairros periféricos e longe da cidade; e o Estágio Supervisionado II, realizado em uma escola estadual que atende alunos cuja maioria mora em bairros de boas condições, sendo notória a diferença das condições socioeconômicas e de familiaridade tecnológica.

Nesse sentido, destaca-se a emergência dos impactos na realidade escolar e acadêmica de modo que a existência de novas configurações possibilita reflexões múltiplas, sobretudo relacionadas ao ensino de Geografia e à formação de professores “[...] que tem como objetivo a formação de sujeitos críticos e de pensamento autônomo acerca dos desdobramentos socioespaciais à sua volta” (Souto; Morais, 2021, p. 123).

No ensino remoto, os professores tiveram que se adaptar nesse formato, evidenciando uma necessidade da alfabetização digital (Silva; Nascimento; Félix, 2020), pois o uso de aparelhos celulares, internet e redes sociais foi primordial. O professor além de saber o básico de tecnologia, readaptar sua aula para o ensino remoto, teve ainda que se desdobrar para atender a demanda daqueles alunos que não possuíam aparelhos eletrônicos para o estudo, e, devido essa problemática, houve um grande número de evasão. Foi implantado nas escolas de Tefé a campanha Fora da

Escola Não Pode, que faz parte do Programa Busca Ativa Escolar, para diminuição da evasão.

A Busca Ativa Escolar é uma estratégia composta por uma metodologia social e uma ferramenta tecnológica, disponibilizadas gratuitamente para estados e municípios. Foi desenvolvida pelo UNICEF e pela União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação, além do apoio do Colegiado de Gestores Municipais de Assistência Social e do Conselho Nacional de Secretarias Municipais de Saúde. A intenção é apoiar os governantes na identificação, registro, controle e acompanhamento de crianças e adolescentes que estão fora da escola ou risco de evasão (UNICEF, 2022).

Foi notório durante essa campanha, na qual a primeira autora pôde participar por estar realizando o Estágio, o quanto os professores se mobilizaram para que o ensino, principalmente o ensino de Geografia, chegasse ao menos de forma igual para aqueles alunos que não tinham aparelhos celulares, ou que não possuíam internet ou não tinham o apoio da família para o estudo.

Com isso, partindo da realidade do estudante durante o ensino remoto em contexto pandêmico, é necessário identificar as dificuldades que essa paralisação proporcionou, associando à nova prática de ensino remoto à falta de infraestrutura tecnológica, ao apoio familiar, à pobreza como condição escolar, dentre outros fatores presentes no cotidiano escolar.

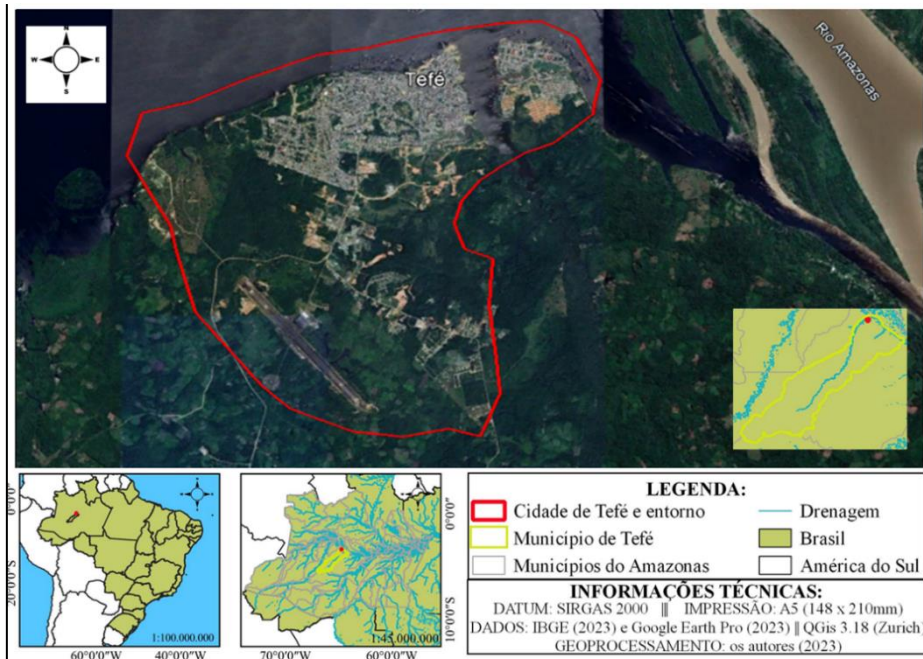
Procedimentos Metodológicos

Metodologicamente, a pesquisa desse trabalho foi classificada como exploratória, tendo como locus uma escola pública localizada na cidade de Tefé. Esta pesquisa possui o objetivo de contribuir para a ampliação da familiaridade com o problema, tornando-os explícitos ao construir hipóteses (Gil, 2017), haja vista que este trabalho visa responder às questões sobre o retorno escolar levando em conta o ponto de vista da professora e do estudante, sujeitos primordiais nesta pesquisa, estruturados em cinco momentos.

Em um primeiro momento recorreu-se às fontes teóricas com vistas à análise e leitura bibliográfica sobre o tema em discussão, sobretudo ao se considerar: Geografia como componente curricular; práticas de ensino de Geografia; Pandemia e Ensino Remoto.

Em um segundo momento, foi realizado o levantamento de dados. Importante destacar que a escola autorizou a pesquisa após a entrega da Carta de Apresentação, seguida de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Para isso foi realizada uma entrevista com uma professora que leciona Geografia para turmas do 3º ano da escola selecionada na cidade (figura 1). A entrevista foi realizada com perguntas abertas e semiestruturadas, possibilitando maiores interpretações e liberdade nas respostas.

Figura 1 : Localização da cidade de Tefé



Organização: os autores (2023)

No desenvolvimento da pesquisa, foram selecionadas duas turmas para averiguação das dificuldades dos estudantes do 3º ano do Ensino Médio em relação à compreensão dos conteúdos geográficos e aos desafios associados durante as aulas remotas. Ademais, buscou-se compreender como e o quanto as mudanças nas aulas impactaram a vida do estudante sobre o vestibular. Em uma classe, foram aplicados questionários (terceiro momento), e, na outra, foi realizada uma roda de conversa (quarto momento), de maneira colaborativa e participativa, inclusive com gravação de áudio e para posterior transcrição das falas.

Por fim, os resultados obtidos através da entrevista com a professora e os questionários aplicados junto a uma turma foram descritos e apresentados (quinto momento) de forma anônima, por meio de abordagem quantitativa (gráficos e quadros). O questionário respondido pela primeira turma era composto por 26

questões de múltipla escolha ou descritivas. As questões abordavam: o perfil dos alunos, o retorno escolar e vestibular.

Acerca dos resultados da roda de conversa com os alunos, optou-se apresentar uma síntese das respostas no formato mais atual e que retrata o perfil desse público, que são as nuvens de palavras, as “Word Clouds”, que são representações visuais de palavras que dão mais destaques às palavras que aparecem com mais frequência, ou seja, aquelas que mais foram mencionadas pelos estudantes na roda de conversa, como utilizado por Prais e Rosa (2017) e Santos (2018).

Em relação às nuvens de palavras, estas foram construídas por meio do app Word Cloud disponível na loja do Play Store, retirando das respostas obtidas os conectivos, adjetivos e demais palavras para auxiliar na elaboração. Após a inserção das respostas, foram selecionados cores, modelos e layout. Os resultados obtidos possuem a abordagem quali-quantitativa, ou seja, utilizados dados numéricos e narrativas, experiências coletivas e individuais e ideias dos participantes.

Resultados e Discussão

Presencial-Remoto-Presencial: o que a professora tem a falar?

Ser professor é um desafio diário que exige desses profissionais grande atenção pois são responsáveis pela formação crítica de seus estudantes e futuros cidadãos. Nesse primeiro tópico, estaremos trazendo o resultado de uma entrevista, expondo o ponto de vista e da realidade de uma professora tefeense da disciplina de

Geografia que passou por esse período (presencial-remoto-presencial), destacando primeiramente seu perfil profissional e, em seguida, as metodologias e dificuldades encontradas durante o período remoto em decorrência do contexto pandêmico, que forçou inúmeras mudanças nas mais variadas esferas da sociedade. Becker (2020, p. 79) reflete sobre esta dimensão alertando que

[...] o avanço e o aprofundamento da atual crise humana, as modificações no mundo e na vida das pessoas, as repercussões sobre a natureza, a pandemia causada pelo COVID-19 são desafios para o ser humano contemporâneo da era planetária. Nesse novo tempo, qual o caminho a seguir e de quem é o legado de conduzir para a possibilidade de um novo mundo?

Foi perguntado à entrevistada qual era a sua formação acadêmica e quanto tempo de docência no geral e na escola onde lecionava Geografia. Na resposta obtida, constatou-se que ela é graduada em Geografia, com Especialização em Metodologia no Ensino de Geografia, possuindo 12 anos de docência (destes, sete anos atuando na escola). Em se tratando da formação docente e de como avaliava a inclusão de temas relacionados à tecnologia no ensino, foi respondido que: “Julgo ser importante e necessária à inserção dos recursos tecnológicos. Creio que podemos utilizá-los em diversas áreas dos conteúdos. Porém, encontramos diversas barreiras quanto à disponibilidade destes recursos” (fala da professora).

Em relação à paralisação das aulas e às metodologias adotadas para ensinar Geografia, a professora afirmou que “Foram diretamente voltadas para a redução dos conteúdos e a aplicação de

exercícios. Adotou-se bastante vídeo-aulas e elaboração de produção textual. Outra metodologia foi a análise de reportagens, documentários e filmes” (fala da professora).

Como aponta Gatti (2020), a utilização de diversas plataformas digitais para que o aluno não fosse tão afetado com a paralisação fez com que o professor adotasse e adaptasse com as antigas e atuais metodologias para ensinar Geografia, principalmente com a utilização da internet enquanto ferramenta tecnológica. Esta foi a solução para sanar essa problemática, mas não era acessível para muitos alunos e até mesmo para os professores, como descreve a entrevistada ao ser questionada se encontrou dificuldades com as ferramentas para ministrar as aulas: “Muitos foram os problemas em relação ao acesso a internet e a adaptação ao dia a dia dos educandos” (fala da professora).

O ensino remoto passou por grandes dificuldades em relação ao atendimento aos estudantes pois muitos não tiveram acesso às aulas, contudo os mesmos realizaram atividades extras no retorno presencial, como apontou a professora. Com isso, ela relatou sobre os assuntos de Geografia durante as aulas remotas, se houve compreensão por parte dos alunos e quais aqueles com maior(es) dificuldade(s), apontando que “Houve pouco aprendizado, pois muitos não tinham noção de alguns conceitos e não conseguiam desenvolver por meio dos conteúdos. Nas séries dos 1º anos, a questão cartográfica foi bastante prejudicada. Em relação ao 3º ano, julgo os conteúdos a respeito dos conflitos mundiais” (fala da professora).

Outra recurso utilizado foi o material impresso para alunos que não possuíam as tecnologias usadas durante o período remoto,

conforme a professora “a escola apoiava os professores em relação à disponibilidade da impressão de planos de aula” (fala da professora). Esses planos de aula continham os assuntos repassados para cada turma nas aulas remotas.

Ainda conforme Gatti (2020), a escola é um espaço coletivo sendo o princípio da vida pública desses cidadãos, fora do ambiente familiar. Com isso, o retorno escolar quando possível, foi um momento de grande ansiedade, esperança, e preocupação, uma vez que os protocolos sanitários ainda eram algo a ser considerado “anormal”, devido ao uso de máscara no ambiente escolar, distanciamento social e utilização de álcool.

O desafio maior com o retorno das aulas seria referente às mudanças ocorridas com a pandemia, e foi ressaltado pela professora que “Alguns fatores em relação ao empenho dos educandos, reduziu bastante. Muitos alunos não buscavam sanar as dúvidas e o principal motivo foi a acomodação sob a aprovação automática. Observa-se o grande desafio em conseguirmos melhorar o nível de aprendizado e promover uma descrição clara da Geografia” (fala da professora).

Quando perguntado sobre as dificuldades que os estudantes encontraram com os conteúdos no retorno e quais as metodologias para sanar essas dúvidas, ela relatou que “Houve bastante dificuldade em entender os conceitos e relacionar as situações do seu cotidiano, muita dificuldade na leitura e interpretação. Busco elaborar atividades que estimulem a relação com o seu dia a dia, explico os conteúdos e busco sempre exemplificar com determinadas aplicações. Apliquei conteúdos de séries anteriores, promovendo a revisão de determinados assuntos” (fala da professora).

Segundo Freire (2001), o professor durante sua carreira aprende com a realidade de cada aluno, de cada escola que leciona, não existe ensinar sem aprender, foi o que ocorreu com muitos professores durante esse período, aprenderam mais do que ensinaram, para se adaptar à nova realidade.

Em comparação com as aulas da professora entrevistada antes do ensino remoto, durante o ensino remoto e atualmente, a mesma avaliou a percepção dos alunos: “Reflico que é necessária uma maior base de capacitação, promover oficinas práticas, seminários de aula, show de geografia. Porque é preciso desenvolver meios de estimular as habilidades dos discentes. A percepção dos educandos, que não aproveitaram nada das aulas remotas e que a aprovação geral, para eles foi satisfatória” (fala da professora).

A entrevista teve resultado satisfatório, uma vez que todas as perguntas foram respondidas e compreendidas, relatando a real experiência de parte dos professores de Tefé durante o período presencial-remoto-presencial, suas dificuldades técnicas e metodológicas no ensinar Geografia, tendo uma responsabilidade redobrada. É importante frisar que foi um momento em que muitos professores assim como alunos, não possuíam a mesma realidade econômica e infraestrutura em casa, e por isso obtiveram grandes dificuldades em realizar suas aulas, sem contar os problemas psicológicos e a própria doença que devastava centenas de vidas.

Presencial-Remoto-Presencial: para além das inquietações dos estudantes

Neste segundo tópico, abordaremos as inquietações dos estudantes, destacando os principais comentários feitos por eles a respeito de como foi o processo de estudo no recorte temporal analisado (presencial-remoto-presencial). Será dada ênfase à disciplina de Geografia, a qual é o principal foco, a fim de entender como ocorreu a metodologia para que esses estudantes compreendessem a matéria.

Faz-se necessário deixar explícito que a escolha pelas turmas de 3º ano se deu pelo fato de que foram estudantes que passaram pelos três períodos (presencial-remoto-presencial) os quais enfatizamos anteriormente e também por serem finalistas e estarem prestando vestibular.

Os resultados desta pesquisa foram obtidos por meio de dois instrumentos: questionário e roda de conversa, os quais serão melhor detalhados a seguir.

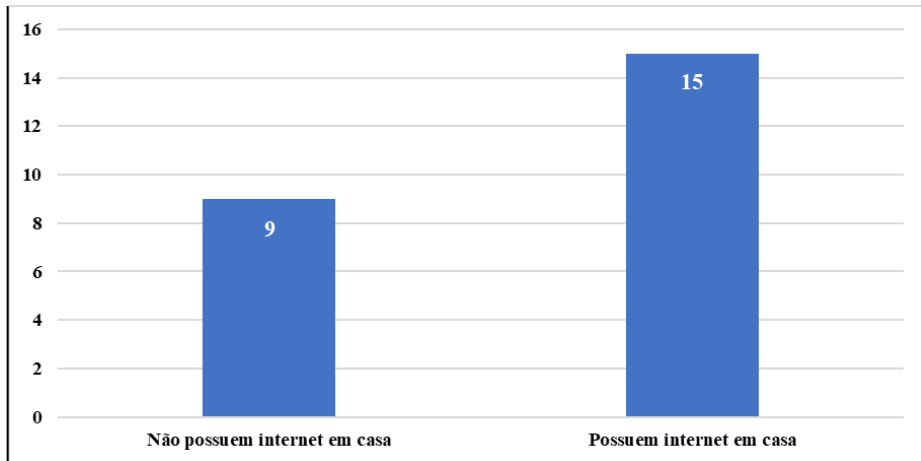
a. Os questionários

O questionário foi aplicado em uma das turmas de 3º ano da escola, e os resultados serão apresentados em forma de texto e gráficos, com números absolutos. Da primeira turma, 15 estudantes são do gênero feminino e nove do gênero masculino. De igual modo, a importância de se entender a faixa etária é fundamental (dos presentes em sala de aula, um possui 16 anos, 15 estudantes possuem 17 anos, enquanto oito estão com 18 anos), assim como a naturalidade (22 de Tefé, um de Coari e um de Manaus).

Tais informações possibilitaram compreender minimamente o perfil da turma, suas origens e faixas etárias, de modo que isso auxilia no entendimento e interpretação das respostas sobre ensino de Geografia, da mesma forma que o tempo de estudo na escola (apenas Ensino Médio) contribui para tal perfil. Do total de estudantes : 20 estudam na escola durante todo o Ensino Médio (acompanhando as metodologias da mesma escola antes, durante e depois do ensino remoto) ; um estuda há dois anos ; dois estudam há um ano, enquanto um estudava há aproximadamente 6 meses.

Em relação à renda média familiar, dos 24 estudantes presentes em sala de aula : quatro responderam que possuem renda média familiar abaixo de um salário mínimo ; quatro estudantes responderam que possuem renda média familiar de um salário mínimo ; seis estudantes responderam que possuem renda média familiar acima de um salário mínimo e 10 estudantes responderam não saber a renda média familiar. Sobre o acesso à internet em casa, dos 24 estudantes presentes em sala de aula : 15 responderam que sim, e nove alunos responderam que não possuem internet em casa (figura 2).

Figura 2: Disponibilidade de internet em casa



Fonte: pesquisa direta (2022)

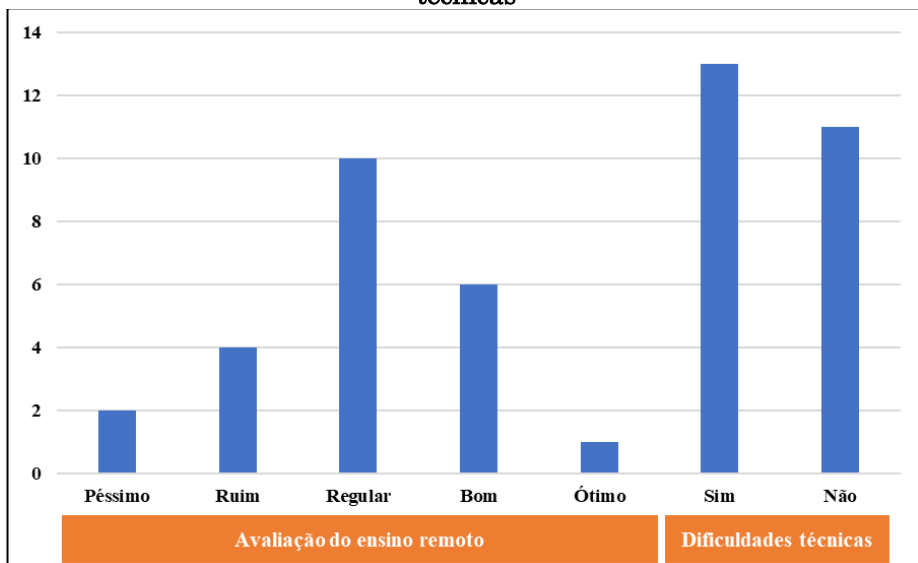
A disponibilidade ou não de internet contribuiu para sua avaliação no que se refere à qualidade da conexão. Os estudantes avaliaram como: ótima (nenhum); boa (três estudantes); regular (14 estudantes); ruim (dois estudantes); péssima (quatro estudantes) e sem resposta (um estudante). Em relação à posse de aparelho celular próprio: 23 estudantes responderam que sim, e um respondeu que não possuía celular próprio.

Sobre o acesso aos dados móveis: oito responderam que sim, possuem dados móveis frequentes, ao passo que 15 responderam que não possuem e um não respondeu. A posse de notebook próprio foi identificada por apenas seis estudantes, enquanto computador de mesa apenas quatro. A disponibilidade das ferramentas tecnológicas (internet, dados móveis, notebook, celular e computador de mesa) apenas para alguns estudantes se tornou um grande problema para que os mesmos pudessem acompanhar as aulas nesse novo formato.

Em relação à avaliação do ensino remoto: um estudante avaliou como ótimo; seis estudantes avaliaram como bom; 10

estudantes avaliaram como regular; quatro estudantes avaliaram como ruim e dois estudantes avaliaram como péssimo. E em relação às dificuldades técnicas para o acesso ao ensino remoto: dos 24 estudantes presente em sala de aula, 13 obtiveram dificuldades técnicas e 11 não obtiveram dificuldades técnicas (figura 3).

Figura 3: Avaliação dos estudantes sobre ensino remoto e dificuldades técnicas



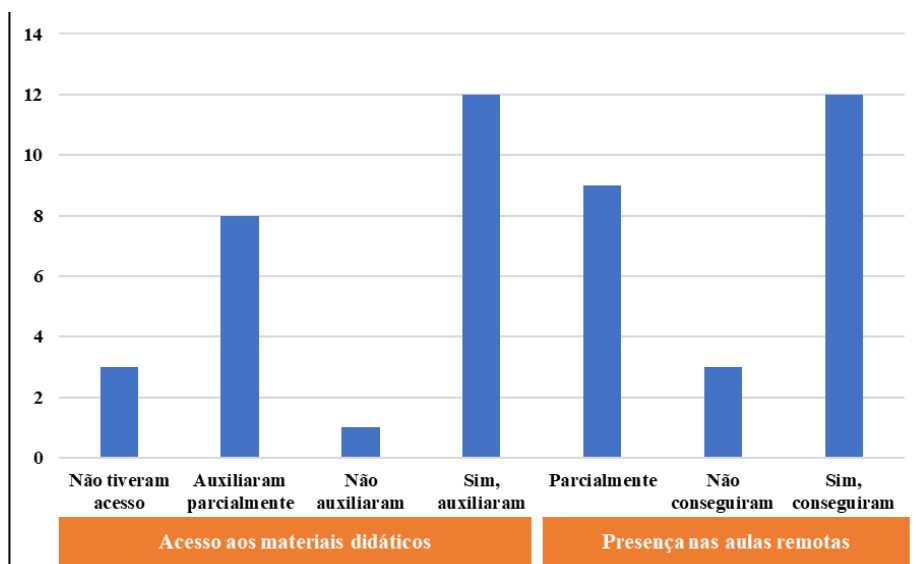
Fonte: pesquisa direta (2022)

Ao comparar os dois gráficos anteriores, constata-se o desafio inerente à questão da disponibilidade das ferramentas tecnológicas somente por parte de alguns estudantes, fato que impactou regularmente a avaliação do ensino remoto. Pode-se dizer também que, apesar das disponibilidades dessas ferramentas, as dificuldades em utilizá-las se tornaram uma problemática para grande parte dos estudantes, pois é necessário o conhecimento básico desses aparelhos digitais, tão imprescindíveis durante o ensino remoto.

O avanço da comunicação, atrelado à mecanização e tecnologia em rede e acessível (considerando as especificidades regionais, sociais e econômicas) intensificou uma liquidez da modernidade quando a sensibilidade torna-se distante da comunicação entre as pessoas, direcionando-se para o que Bauman (2001) nomeia de “adioforização”, que é a dispensabilidade da relação entre pessoas, histórias e culturas.

Sobre os materiais didáticos fornecidos pelos professores e se foram adequados ao processo de aprendizagem: 12 estudantes responderam que sim, auxiliaram; um respondeu que não auxiliou; oito responderam que auxiliaram parcialmente e três responderam que não tiveram acesso a eles (figura 4). E, em relação à presença nas aulas remotas: 12 estudantes responderam que sim, conseguiam estar presente nas aulas remotas; três não conseguiram estar nas aulas remotas e nove responderam que estiveram parcialmente.

Figura 4: Acesso aos materiais didáticos e presença nas aulas remotas



Fonte: pesquisa direta (2022)

Analisando as respostas em relação ao acesso aos materiais didáticos, há essa diferença nos resultados, devido ao fato que alguns estudantes, por possuírem diferentes ferramentas tecnológicas e habilidades no manuseio dessas – como também problematizam Venturini e Souza (2020) e Cavalcanti (2020) –, não se prendiam apenas aos materiais didáticos disponibilizados, mas sim em pesquisas referentes aos assuntos abordados, diferente daqueles que possuíam apenas acesso aos materiais didáticos, sem acesso a uma explicação plausível do docente.

Em contrapartida, havia os que não possuíram acesso a esses materiais, por motivos como falta de aparelhos eletrônicos, desinformações e falta de contato com o professor e a escola, haja vista, o momento de isolamento. A presença em aulas remotas só seria possível com ajuda das ferramentas tecnológicas, por isso ocorre essa oscilação de respostas entre as alternativas.

No que se refere à avaliação da experiência do Ensino Remoto: 13 responderam que a falta de contato com os professores para as explicações prejudicou o aprendizado; sete responderam que as questões econômicas, de internet e moradia, além do pouco prazo para a entrega dos trabalhos foi prejudicial; três responderam que aprovaram o ensino remoto, pois, acharam melhor estudar em casa e que essa modalidade ajudou a não ficarem reprovados; um respondeu que a praticidade em usar o celular para as pesquisas ajudou; um respondeu que não obteve dificuldades durante o ensino remoto.

De igual modo, quando questionados sobre ter auxílio (espaço específico, auxílio da família, dentre outros) constatou-se que: dois tiveram auxílio do professor e da escola; quatro estudantes não tiveram um espaço específico para o estudo, e não obteve ajuda familiar e nem de professores; seis estudantes não tinham um espaço específico para o estudo, mas, obtiveram auxílio da família; nove estudantes possuíram um espaço específico e auxílio da família.

Das respostas a respeito da disciplina de Geografia, e se tiveram dificuldade com os assuntos durante o ensino remoto: cinco responderam que sim, tiveram dificuldades e 19 responderam que não tiveram dificuldades. Acrescenta-se o fato de que três comentaram que não compreenderam alguns assuntos de Geografia; dois tiveram dificuldades em alguns assuntos de Geografia; 15 não tiveram dificuldades com os conteúdos de Geografia, pois, a metodologia da professora era acessível e de fácil compreensão; dois não comentaram e um não teve acesso aos conteúdos.

Ao comparar as aulas antes do ensino remoto, durante o ensino remoto e atualmente, os alunos avaliaram as aulas de geografia da seguinte forma: um considera que as aulas de geografia antes da pandemia eram melhores; dois consideram que as aulas de Geografia durante o ensino remoto e atualmente, se tornaram estressantes e mais rígidas; um considera que as aulas de Geografia no ensino remoto eram mais fáceis; um considera que as aulas de geografia no ensino remoto eram ruins devido à problemática da internet; 14 consideram que atualmente as aulas estão melhores devido à presença da professora em sala de aula e sete consideram que no ensino remoto e atualmente, as aulas são boas.

A respeito das dificuldades encontradas com o retorno das aulas presenciais: 13 responderam que ficou difícil conciliar os assuntos do ensino remoto com os assuntos das aulas presenciais; três não responderam; um respondeu que foram as questões de conciliar o horário com os estudos; três não obtiveram dificuldades com o retorno escolar, principalmente na matéria de geografia; três responderam que o retorno foi mais difícil, pois, já estavam acostumados com as aulas remotas, um respondeu que a dificuldade foi na quantidade de trabalhos e provas passadas com o retorno.

Ao serem questionados se pretendem prestar vestibular quando terminarem o 3º ano, das 24 respostas, 21 responderam que sim, e três disseram que não iriam prestar o vestibular. Das 24 respostas a respeito se acreditavam que o preparo para o vestibular foi prejudicado com as aulas remotas e de que forma: sete responderam que o ensino remoto não prejudicou; 15 responderam que o ensino remoto prejudicou o preparo para o vestibular; dois

responderam que se fosse fazer o vestibular, o ensino remoto havia prejudicado seu preparo; dois responderam que se fosse fazer o vestibular, o ensino remoto não os havia prejudicado.

Caso a resposta anterior tenha sido “sim”, sobre prestar vestibular e se o retorno presencial contribui para diminuir o prejuízo e de que forma, das 24 respostas: 17 responderam que sim, pois, com os professores em sala de aula ficou mais fácil a compreensão dos assuntos; quatro não responderam; um respondeu que diminuiu pouca coisa o prejuízo; um respondeu que o retorno não contribui para diminuir o prejuízo.

Das 24 respostas a respeito do curso que pretendem prestar vestibular, foi respondido, em ordem crescente: Medicina Veterinária, Letras, Matemática, História, Farmácia, Biologia, Física, Química e Música (cada um com um interesse), Psicologia e Medicina (com dois cada), Enfermagem e Direito (cada um com três interesses) e não sabem (cinco). A respeito da escolha do curso anterior, e se mudou durante a pandemia e por qual motivo, das 24 respostas: 17 responderam que a escolha do curso não mudou; três responderam que a escolha do curso mudou; três não responderam; um respondeu que a escolha do curso ocorreu durante a pandemia.

É notório que a maioria dos estudantes ao adentrar o Ensino Médio, não possui noção da importância do vestibular. Muitas vezes, têm em mente o curso que querem fazer, mas, não sabem dos caminhos que devem traçar até chegar a esse resultado, e isso ocorre devido a diversos fatores, tais como: a falta de informação na família, precário acesso aos meios de comunicação, e também o desinteresse dos próprios estudantes.

Logo, os professores e a escola se tornam os únicos meios de informação para esses estudantes, e isso foi crucialmente prejudicado no ensino remoto, pois, as preocupações em primeiro plano seriam como os docentes iriam ensinar nesta nova modalidade, e como os discentes iriam aprender . Dessa forma, as informações e cobranças sobre o vestibular foram se tornando menos frequentes e influenciando muito menos, como também observado em estudos de Araujo e Dutra (2021) em uma discussão geral; de Rocha e Lima (2021) em Dourados (Mato Grosso do Sul) e de Coelho, Santos e Sousa (2023) em Teresina (Piauí).

b. A roda de conversa

A roda de conversa, segundo instrumento utilizado na pesquisa ocorreu em uma segunda turma de 3º ano, sem a presença do professor. Com a autorização dos alunos, foi gravado apenas um áudio da conversa, e os resultados serão apresentados em um texto escrito e através das *Word Cloud*, ou seja, nuvens de palavras onde estarão as palavras mais citadas pelos alunos durante a roda de conversa.

Os resultados desta roda de conversa evidenciaram várias problemáticas e um déficit enorme no aprendizado em Geografia durante o ensino remoto. Não foi apenas a problemática da falta de internet, que é de baixa qualidade e poucos tiveram acesso. Assim, os estudantes passaram por uma problemática ainda maior, como a inexistência da quantidade ideal de professores efetivos (figura 5).

Figura 5: Perspectiva do ensino remoto pelos estudantes



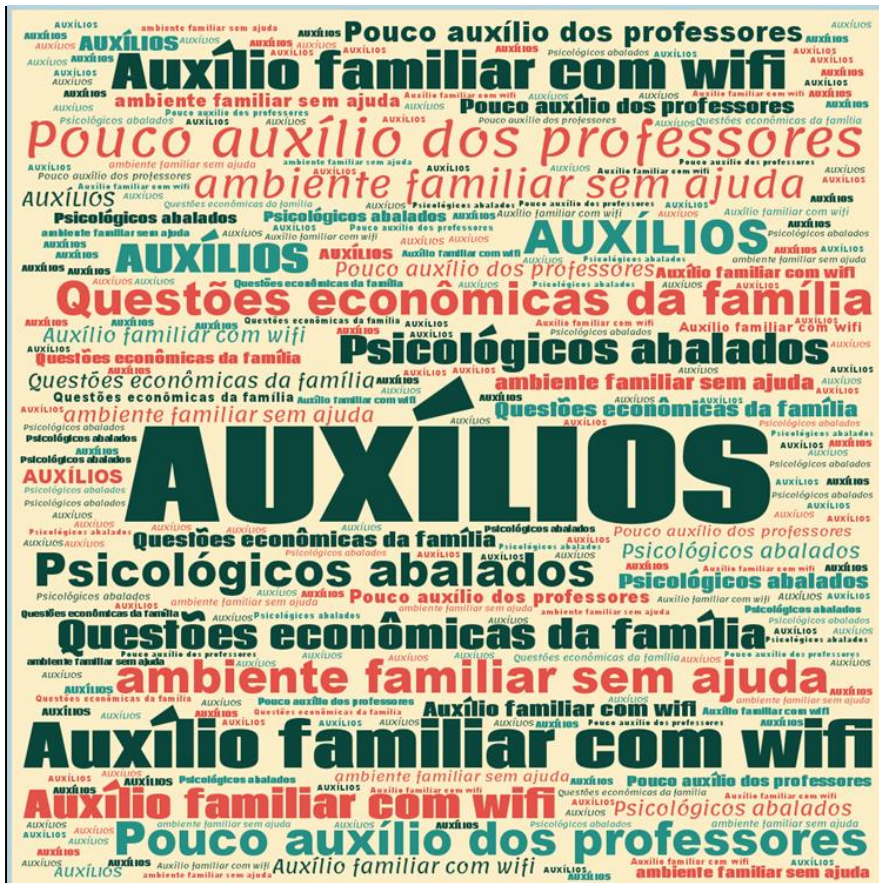
Organização: os autores (2022)

Ainda sobre o ensino remoto, a falta de cobrança dos professores e até mesmo o desinteresse dos professores em ensinar no período remoto, serviram de desmotivação para o aprendizado do aluno. Outra questão foi o modo como se deu o ensino remoto, pois,

utilizavam da rede social *Whatsapp* para o envio em PDF dos assuntos e trabalhos, denominados planos de aula. Com poucas orientações e explicações, os estudantes tiveram que fazer uso de outros meios para compreender o assunto.

Foi notório que os alunos sentiram falta da cobrança dos professores, a teoria e a prática dos assuntos de Geografia, o pouco prazo para a entrega dos trabalhos, foram o estopim para que os alunos procrastinassem (figura 6) e acumulassem trabalhos, sem contar que o cenário à época era de centenas de pessoas que estavam morrendo por conta do vírus, logo, o medo de infecção e os problemas psicológicos também serviram de desmotivação para os alunos.

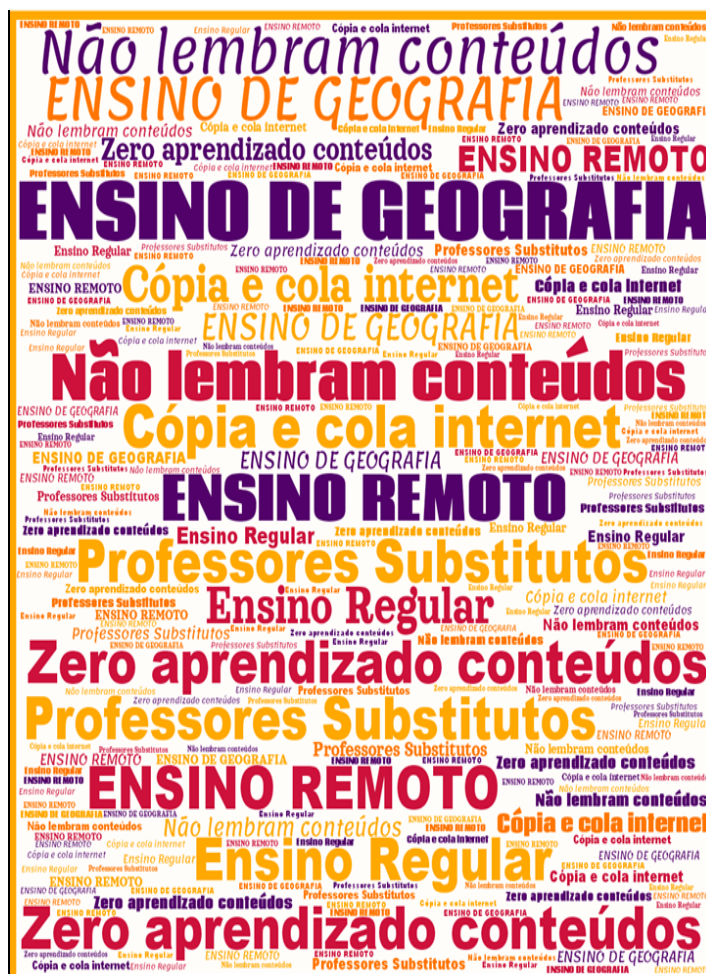
Figura 6: Perspectiva do auxílio que os estudantes comentaram



Organização: os autores (2022)

O ensino remoto para os alunos de forma geral foi de pouco aprendizado, muitos não lembram quais foram os assuntos de Geografia estudados, as avaliações dos estudantes para o ensino de Geografia durante o período remoto, foi avaliado de precário a razoável (figura 7). Em se tratando do auxílio familiar, para alguns foi de grande ajuda, pois compreendiam a forma que o ensino estava, mas outras famílias não deram o devido suporte.

Figura 7: Perspectiva do Ensino de Geografia no período remoto



Organização: os autores (2022)

Dessa forma, vê-se o ensino remoto foi mais prejudicial para os alunos do Ensino Médio, os quais irão prestar o vestibular. Assim, é notório que o aprendizado adquirido nos 1º e 2º anos, que foi o período do ensino remoto, não foi suficiente para o preparo desses estudantes, principalmente daqueles que não possuem conhecimento de qual curso irão optar, contudo, o contexto não afetou a escolha do curso daqueles que já decidiram. O único ponto positivo que se deu no ensino remoto foi que os estudantes

aprenderam e aprimoraram o uso das ferramentas tecnológicas para o ensino e aprendizado.

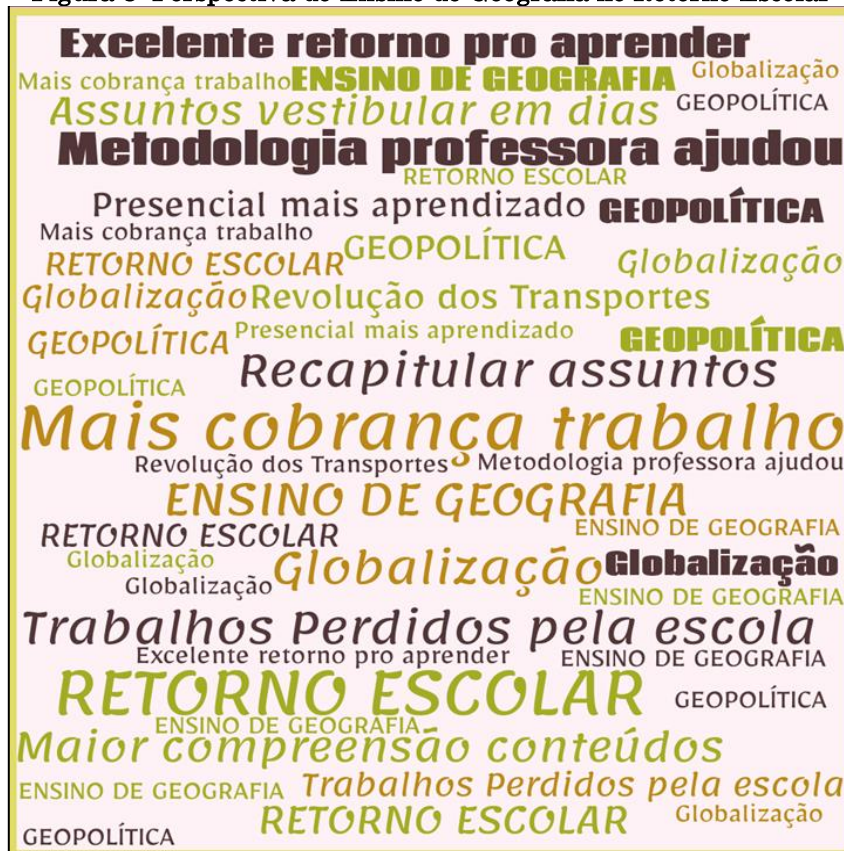
Em se tratando do retorno escolar, os mesmos relataram que a dificuldade maior foi a cobrança de trabalhos e de recapitular os assuntos já repassados no ensino remoto, pois houve muitos trabalhos, mas pouco aprendizado, o que logo se tornou uma problemática. Essa nova etapa, para muitos, foi de suma importância pois o contato direto com a explicação dos professores, os debates em sala de aula, são eficazes para a aprendizagem. Acerca das aulas de Geografia, relataram que a metodologia, a paciência e a compreensão da professora para com os alunos foram primordiais nesse processo.

Contudo, foi perceptível que o ensino remoto não obteve resultados satisfatórios no ensino e aprendizagem desses alunos, uma vez que ao serem indagados eles demonstravam não se lembrar de assuntos estudados durante esse período, e as avaliações apresentavam pontuações negativas. Por outro lado, ao serem questionados sobre os conteúdos de geografia estudados nesse retorno, os alunos citaram: Blocos Econômicos, Globalização e Revolução dos Transportes. Ademais, a avaliação do retorno escolar trouxe resultados com índices de bom a excelente, destacando ainda fragmentos associados a esse retorno (figura 8).

Os alunos tiveram um déficit no aprendizado durante o período remoto, e quando houve o retorno, com a ajuda dos professores, tentou-se consertar essa lacuna que não foi preenchida, para que os resultados nos vestibulares, e na formação crítica desses estudantes sejam positivos. O ensino remoto prejudicou grandemente o preparo desses estudantes para o vestibular pois

não haviam aprendido os conteúdos anteriores e que seriam cobrados futuramente nessas provas. E paralelo a isto, muitos não tinham a informação devida de como é o processo do vestibular (figura 9).

Figura 8: Perspectiva do Ensino de Geografia no Retorno Escolar



Organização: os autores (2022)

A incerteza se haveria ou não vestibular desmotivou-os, mas não afetou a escolha do curso da grande maioria dos estudantes. Dessa forma, o retorno escolar serviu como meio para recapitular parte desses assuntos que não foram compreendidos infundidos nos assuntos da atual série em que estavam.

Figura 9: Nuvem de palavras sobre a perspectiva do Vestibular durante o ensino remoto e no retorno escolar



Organização: os autores (2022)

Foi notório que nas duas turmas o ensino remoto foi prejudicial no preparo daqueles que iriam prestar vestibular, e com o retorno escolar, professores e estudantes, correram contra o tempo para conseguir sanar as dificuldades dos dois anos de ensino remoto. Muito se diz que o vestibular depende do interesse e da vontade do estudante, mas como cobrar isso deles, se não tiveram as principais bases e compreensão de assuntos cobrados em vestibular? Muitos que assinalaram ou que comentaram que não

iriam prestar vestibular, não sabiam ao menos como ocorre esse processo, e muitos não se sentiam preparados ou estavam desmotivados para realizar as provas, devido esse déficit no seu aprendizado.

Logo, essa roda de conversa gerou resultados que ajudaram a compreender o recorte presencial-remoto-presencial, e os quais estão expostos nessa nuvem de palavras, destacando as principais palavras ditas pelos estudantes.

Considerações Finais

Os resultados sobre essa pesquisa foram satisfatórios, haja vista que os objetivos foram devidamente alcançados, e os resultados devidamente problematizados, respondendo à problemática desta pesquisa. Com isso, foi demonstrado que a dificuldade de internet, tanto para o professor quanto para o estudante, foi um dos principais empecilhos durante o ensino remoto, pois, ambos não possuem a mesma realidade econômica e de infraestrutura em casa, afetando seriamente o aprendizado do aluno, principalmente no preparo para o vestibular, como apontou a pesquisa.

O retorno escolar mostrou a grande problemática que o ensino remoto causou no aprendizado dos estudantes, principalmente na disciplina de geografia, em que as dificuldades de relacionar os conceitos com situações do cotidiano não foi possível, pois, os conteúdos não foram compreendidos. Contudo, esse retorno se tornou primordial para sanar esse déficit no ensino e aprendizado dos alunos.

Portanto, o presente trabalho busca contribuir com a comunidade acadêmica, uma análise e compreensão de quais foram as dificuldades encontradas pelo professor e estudante, no período presencial-remoto-presencial, principalmente no retorno escolar, onde a poucos trabalhos evidenciando essa questão nas escolas da cidade. Faz-se necessário, que este trabalho sirva de base para futuros artigos, tendo como sugestão uma análise do retorno escolar entre as escolas da zona urbana e zona rural de Tefé, evidenciando outra realidade, para compreender como aconteceu esse processo. Além disso, cabe destacar a questão da aprovação em massa dos estudantes pelo estado e município, e suas consequências para o ensino.

Referências

- ARAUJO, Susana Lima de Queiroz Pontes de; DUTRA, Flávia Barbosa da Silva. Educação remota em tempos da COVID-19: inquietações acerca da pessoa com deficiência e o Exame Nacional do Ensino Médio. *Revista Thema*, v. 20, n. especial, p. 17-36, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.15536/thema.V20.Especial.2021.17-36.1831>
- BARBOSA, Maria Edivani Silva. A Geografia na Escola: Espaço, Tempo e Possibilidades. *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 82-113, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N12/Art-7-Revista-Ensino-Geografia-v7-n12-Barbosa.pdf> Acesso em 10 de ago. de 2022.
- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BECKER, Elsbeth Léia Spode. O ensino nos novos tempos e a relação professor-aluno. In: FARIA, Rivaldo Mauro de; BATISTA, Natália Lampert; RIZZATTI, Maurício. (Orgs). *Os contextos geográficos da COVID-19: possibilidades em tempos de pandemia*.

Rio de Janeiro: Eulim, 2020. (p. 74-88). Disponível em:<<https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/820/2021/03/Os-contextos-geograficos-da-COVID-19.pdf>> Acesso em 30 de out. de 2023.

BENTO, Victor Régio da Silva; ALMEIDA, Lucilene Ferreira de. A Geografia e a BNCC do Ensino Médio: uma análise dos itinerários formativos da SEE-Acre. *Revista Brasileira De Educação Em Geografia*, v. 12, n. 22, p. 05-26, 2022. DOI: <https://doi.org/10.46789/edugeo.v12i22.1010>

BRUCE, Antonio Jucivan Martins; RODRIGUES, Eubia Andréa; BILLACRÊS, Máximo Alfonso Rodrigues. Estágio Supervisionado de Licenciatura em Geografia em Tempos de Pandemia: Impactos e Desafios. *Revista de Ensino de Geografia*, Uberlândia-MG, v. 12, n. 23, p. 75-91, jul./dez. 2021. Disponível em:<<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N23/Resumo-Art4-v12-n23.php>> Acesso em 07 de ago. de 2022.

CAVALCANTI, Isabella Macário Ferro (Org). *Tecnologias em tempos de isolamento social*. Belém: RFB Editora, 2020.

CAVALCANTI, Lana de Souza. *O ensino de geografia na escola*. Campinas: Papirus, 2012.

COELHO, Leonardo Rafael Santos; SANTOS, Luís Eduardo Santiago dos; SOUSA, Leonardo Melo de. O ensino remoto de Geografia: experiências de professores em uma escola teresinense. *Ensino em Perspectivas*, v. 4, n. 1, p. 1-18, 2023. Disponível em:<<https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/8698>> Acesso em 07 de ago. de 2022.

DUARTE, Daniel Edler; BENETTI, Pedro Rolo. Pela Ciência, contra os cientistas? Negacionismo e as disputas em torno das políticas de saúde durante a pandemia. *Sociologias*, v. 24, n. 60, 2022. DOI:<https://doi.org/10.1590/18070337-120336>

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*, v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/ea/a/QvgY7SD7XHW9gbW54RKWHcL/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 14 de set. de 2022.

GATTI, Bernadete Angelina. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia. *Estudos Avançados*, v. 34, n. 100, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.34100.003>

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GREGORY, John. The coronavirus ‘infodemic’ is real. *Weratedthe websites responsible for it*. Stat, Feb. 28, 2020. Disponível em: <https://www.statnews.com/2020/02/28/websites-spreadingcoronavirus-misinformation-infodemic/>> Acesso em 07 de ago. de 2022.

OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel. Como fica o ensino de Geografia em tempos de pandemia da Covid-19?. *Ensino em Perspectivas*, v. 2, n. 1, p. 1-15, 2021. Disponível em:< <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/article/view/4577>> Acesso em 10 de set. de 2022.

PRAIS, Jacqueline Lidiane de Souza; ROSA, Vanderley Flor da. Nuvem de palavras e mapa conceitual: estratégias e recursos tecnológicos na prática pedagógica. *Nuances: estudos sobre Educação*, v. 28, n. 1, p. 201-219. 2017. DOI: <https://doi.org/10.14572/nuances.v28i1.4833>

REGO, Nelson; COSTELLA, RoselaneZordan. Educação geográfica e ensino de Geografia, distinções e relações em busca de estranhamentos. *Signos Geográficos*, v. 1, 1-15, 2019. Disponível em :< <https://revistas.ufg.br/signos/article/view/59454>> Acesso em 10 de ago. de 2022.

ROCHA, Elizabeth Matos; LIMA, Juliana Maria da Silva. Impactos e desafios do ensino on-line decorrentes da pandemia COVID-19. *RIAEE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, v. 16, n. 2, p. 377-390, 2021. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v16i2.14526>

SANTOS, Ana Beatriz Ribeiro dos. *Ensino de Geografia nas escolas de tempo integral no Ensino Médio em Teresina/Piauí: de que realidade estamos falando?*. Teresina, 2018. 117f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018. Disponível em:< https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=7655294> Acesso em 05 de set. de 2022.

SANTOS, Milton. *Por uma Geografia Nova*. São Paulo: Hucitec, 1978.

SILVA, Maria José Souza Da; NASCIMENTO, Luciene Fabrizia Alves Do; FELIX, Pedro Wallas Soares de Araújo. Ensino Remoto e Educação Geográfica em Tempos de Pandemia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 7., 2020. *Anais...* Campina Grande:

Realize Editora, 2020. Disponível em:<
<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68526>> Acesso em 05
de set. de 2022.

SOUTO, Joyce Caroline de Souza; MORAIS, Nathalia Rocha. Ensino de Geografia em tempos de pandemia: desafios do ensino remoto e das tecnologias na prática docente. *Revista Ensino de Geografia*, v. 12, n. 22, p. 102-118, 2021. Disponível em:<
<http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N22/Art6-v12-n22-Revista-Ensino-Geografia-Souto-Morais.pdf>> Acesso em 01 de set. de 2022.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. *Estudos Avançados*, v. 32, n. 93, 175-195. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5935/0103-4014.20180037>

UNICEF. Fundo das Nações Unidas para a Infância. *Busca Ativa Escolar: e o trabalho em rede*. (Coord. Ana Carolina Fonseca). Brasília: UNICEF, 2022. Disponível em:<
<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/busca-ativa-escolar-e-o-trabalho-em-rede>> Acesso em: 10 de jul de 2022.

VENTURINI, Jamila Rodrigues; SOUZA, Joyce. *Tecnologias e Covid-19 no Brasil: vigilância e desigualdade social na periferia do capitalismo*. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich BollStiftung, 2020. Disponível em: <
<https://br.boell.org/sites/default/files/2020-06/Tecnologias%20e%20Covid-19%20no%20Brasil%20vigil%C3%A2ncia%20e%20desigualdade%20social%20na%20periferia%20do%20capitalismo.pdf>> Acesso em: 01 de maio de 2023.

WERNECK, Guilherme Loureiro; CARVALHO, Marília Sá. A pandemia de COVID-19 no Brasil: crônica de uma crise sanitária anunciada. *Caderno de Saúde Pública*, v. 36, n. 5, p. 1-4, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00068820>

WORDCLOUDS. Disponível em: <
<https://play.google.com/store/apps/details?id=ice.lenor.nicewordplacer.app>> Acesso em: 10 de jul de 2022.

Submetido em: 11 de agosto de 2023

Devolvido para revisão em: 04 de dezembro de 2023

Aprovado em: 12 de dezembro de 2023

DOI10.62516/terra_livre.2023.3107

COMO CITAR:

FARIAS RIBEIRO, H. C.; DE BRITO NUNES, H. K. Do ensino remoto ao ensino presencial em contexto pandêmico: desafios no Ensino de Geografia de uma escola pública em Tefé (Amazonas/Brasil). **Terra Livre**, São Paulo, ano 38, v.1, n. 60, jan-jun. 2023, p. 20-58. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/3107>. Acesso em: dia/mês/ano.